

De Rose, J. C. C. (1999). O relato verbal segundo a perspectiva da análise do comportamento: contribuições conceituais e experimentais. Em R. A. Banaco (Org). Sobre comportamento e cognição. Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista. (pp. 148-163). Santo André: ARBytes.

# Capítulo 17

## O relato verbal segundo a perspectiva da análise do comportamento: contribuições conceituais e experimentais

Júlio César Coelho de Rose<sup>1</sup>

UFSCar

**F**arber (1965) observa que, de acordo com uma antiga lenda sobre o comportamento de psicólogos em congressos, os comportamentos amorosos são amplamente superados em frequência pelo comportamento de beber. Este último, por sua vez, embora não seja de se desprezar, fica bastante aquém em relação à tagarelice. Farber acrescenta que é possível discordar desta estimativa sobre o comportamento verbal dos psicólogos, mas não há qualquer dúvida a respeito do interesse dos psicólogos pelo comportamento verbal dos outros. De fato, os psicólogos, além de estarem frequentemente interessados no comportamento verbal *per se*, também se interessam pelo comportamento verbal como um *relato* de comportamentos, eventos ou estados, aos quais eles não têm acesso fácil ou direto.

Neste sentido, o *relato verbal* é uma das fontes de dados mais amplamente utilizadas na Psicologia, constituindo a base de entrevistas clínicas, levantamentos,

---

<sup>1</sup> Bolsista de Pesquisa do CNPq (Processo 300242/87-5). A preparação deste texto contou com auxílio da FAPESP (Processo 92/2320-4). A versão final beneficiou-se da revisão cuidadosa e das sugestões de Deisy de Souza.

avaliações padronizadas, entrevistas pós-experimentais, etc. A utilização do relato verbal como fonte de dados não se limita, é claro, à Psicologia, mas ocorre em praticamente todas as ciências que lidam com o homem. Na Medicina, por exemplo, a investigação das causas de várias doenças baseia-se, pelo menos em parte, em relatos verbais dos pacientes a respeito de comportamentos, ou padrões de comportamento, que podem ter causado a doença ou aumentado a sua probabilidade. Para investigar os mecanismos de transmissão da AIDS, por exemplo, os pesquisadores dependem de relatos dos pacientes a respeito de seu comportamento, principalmente o comportamento sexual e uso de drogas injetáveis. A observação direta destes comportamentos, embora seja possível em tese, costuma ser impossível na prática. Assim, o pesquisador precisa recorrer a relatos verbais, em geral fornecidos pelo próprio paciente.

Este exemplo sugere porque os relatos verbais são freqüentemente recebidos com certa suspeição. Nesse caso, eles referem-se a comportamentos que são considerados tabus e sujeitos a punições sociais severas. Por este motivo, existe sempre a possibilidade de que alguns pacientes não revelem seus comportamentos, mesmo quando os relatos verbais são coletados em situações concebidas como não punitivas. Mesmo quando os relatos não se refiram a assuntos considerados tabu, eles estarão sujeitos a limitações de atenção, memória, acessibilidade, etc. E haverá sempre a possibilidade de distorções deliberadas por parte do sujeito.

Na pesquisa em Análise do Comportamento, o relato verbal é utilizado com bastante parcimônia. As principais razões para isto são apontadas por Perone (1988). Ele lembra os pareceres recebidos quando submeteu ao *Journal of the Experimental Analysis of Behavior* um artigo (Perone & Baron, 1980) sobre respostas de observação de sujeitos humanos adultos. (Não interessa, para os propósitos deste texto, entrar em detalhes sobre o procedimento ou os resultados deste experimento.) Um dos revisores mostrou-se surpreso com a ausência de relatos verbais “sumarizando o que os sujeitos disseram que estavam fazendo e por quê”. Dizia o revisor que estes relatos, se disponíveis, deveriam ser apresentados e discutidos. Perone observa que achou estranha esta exigência:

“... Why ask the subjects what they did, when the point of the study was to precisely measure what they did? ... The reviewer also suggested that we ask the subjects *why they did as they did*. Answering the question of why an instance of behavior occurs is the very business of experimental analysis. To the extent that subjects' behavior was under the control of the variables we manipulated, we believed that we already knew the answer.” (Perone, 1988, p. 71, grifos do autor)

Assim, os analistas do comportamento preferem observar diretamente o comportamento de interesse, e preferem analisar as causas deste comportamento através da manipulação direta de variáveis experimentais. No entanto, até mesmo para os analistas do comportamento isto nem sempre é possível. Até mesmo Perone e Baron (1980), na pesquisa já mencionada, coletaram relatos verbais dos sujeitos. Estes relatos foram, no

---

<sup>2</sup> “Para que *perguntar* aos sujeitos o que eles tinham feito, quando o foco do estudo foi medir precisamente o que eles tinham feito? ... O revisor também sugeriu que *perguntássemos* aos sujeitos *porque* eles fizeram o que haviam feito. Responder à questão de por que uma instância de comportamento ocorre é exatamente o objetivo da análise experimental. Na medida em que o sujeito estava sob controle das variáveis que nós manipulamos, nós acreditamos que já conhecíamos a resposta.”

entanto, de um tipo diferente do que foi solicitado pelo revisor. A pesquisa foi conduzida como parte de um projeto mais amplo sobre análise operante de trabalho industrial e uso de drogas por trabalhadores da indústria. Os experimentadores descreveram a pesquisa, para os sujeitos, como uma simulação de situação de trabalho. Os sujeitos pensavam, portanto, que estavam participando de uma situação de trabalho. Eles receberam, a intervalos regulares, testes padronizados para medir o estado emocional e a satisfação com o trabalho, e também para monitorar o uso de drogas. O relato verbal foi usado, neste caso, como via de acesso dos pesquisadores a comportamentos e estados emocionais que dificilmente poderiam ser medidos diretamente.

É muito provável que pesquisadores, de qualquer orientação teórica, precisem recorrer a relatos verbais sempre que precisarem obter informações a respeito dos pontos mencionados no Quadro 1.

### **1. Comportamentos manifestos**

- a) comportamentos ocorridos no passado.
- b) comportamentos pouco acessíveis à observação:
  - comportamento sexual;
  - uso de drogas.
- c) comportamentos cuja probabilidade é afetada pela presença de observador.
- d) comportamentos cuja observação envolve alto custo material ou humano.

### **2. Outros eventos públicos**

- a) situações ou condições de estímulo nas quais um comportamento foi emitido ou é tipicamente emitido.
- b) conseqüências de um comportamento.

### **3. Eventos privados**

- a) comportamentos encobertos:
  - pensamentos (ex.: verbalizações encobertas na solução de problemas);
  - imagens.
- b) comportamentos incipientes: tendências ou inclinações para agir.
- c) sensações, sentimentos, estados emocionais.
- d) atribuições de causas a comportamentos, estados emocionais, etc.

Quadro 1. Temas que comumente precisam ser investigados através de relatos verbais.

Todos os tipos de questões listadas no Quadro 1 poderão interessar a analistas do comportamento, dependendo da área de investigação ou atuação. A análise do comportamento poderá talvez contribuir para o desenvolvimento de métodos de observação direta de alguns destes fenômenos, mas é muito provável que a ocorrência cotidiana deles permaneça dificilmente acessível à observação direta. A medida que a Análise Comportamental lida cada vez mais com o comportamento humano complexo, questões como essas serão cada vez mais estudadas. Na verdade, elas já estão sendo bastante estudadas, com o resultado de que os analistas do comportamento estão passando a utilizar mais o relato verbal.

Mas o relato verbal é, além de uma fonte de dados, uma forma de comportamento. Justamente pela sua importância crucial como fonte de dados, o comportamento de relatar tem sido amplamente estudado pelos psicólogos de todas as correntes. A literatura sobre o assunto é extensa e obviamente muito além do alcance desta apresentação. Meu propósito com esta apresentação é apenas o de tentar esclarecer a análise conceitual e experimental do relato verbal segundo a perspectiva da Análise do Comportamento.

## 1. O comportamento de relatar

De acordo com a concepção da Análise Comportamental, relatar é um comportamento verbal. Este comportamento verbal é emitido supostamente sob controle de um estado de coisas, que funciona como estímulo discriminativo. Tipicamente o pesquisador está interessado em conhecer algo sobre este estado de coisas, mas não tem acesso direto a ele. O relato verbal inclui-se, portanto, na categoria de operante verbal que Skinner denomina **tato**.

*"... A tact may be defined as a verbal operant in which a response of a given form is evoked (or at least strengthened) by a particular object or event or property of an object or event."<sup>3</sup> (Skinner, 1957, pp. 81-82)*

A propriedade característica do tato é, portanto, o controle singular que algum aspecto do ambiente exerce sobre a forma da resposta. Nesse sentido, o tato é o operante verbal que tem uma relação de correspondência (referência) com o mundo externo e, por esta razão, "emerge como o mais importante dos operantes verbais" (Skinner, 1957, p.83). A correspondência da forma da resposta com o ambiente é uma relação de controle de estímulo, e a precisão deste controle é um resultado da maneira pela qual a comunidade verbal estabelece em cada indivíduo um repertório de tatos:

*"In the tact ... we weaken the relation to any specific deprivation or aversive stimulation and set up a unique relation to a discriminative stimulus. We do this by*

---

<sup>3</sup> "Um tato pode ser definido como um operante verbal no qual uma resposta de uma dada forma é evocada (ou pelo menos fortalecida) por um objeto ou evento particular, ou por uma propriedade de um objeto ou evento."

*reinforcing the response as consistently as possible in the presence of one stimulus with many different reinforcers or with a generalized reinforcer. The resulting control is through the stimulus. A given response "specifies" a given stimulus property. This is the 'reference' of semantic theory.<sup>4</sup>" (Skinner, 1957, p. 83)*

Por esta razão, o tato permite ao ouvinte "... inferir algo a respeito das circunstâncias, independentemente das condições do falante". Poderíamos, portanto, dizer que o tato é um operante verbal que "beneficia" o ouvinte, e é precisamente por esta razão que a comunidade verbal estabelece e mantém desempenhos verbais com função de tato. Skinner observa que o tato tem particular importância para o ouvinte quando o falante está em contato com um estado de coisas que *não é conhecido pelo ouvinte*. Nestas condições,

*"... behavior in the form of the tact works for the benefit of the listener by extending his contact with the environment, and such behavior is set up in the verbal community for this reason."<sup>5</sup> (Skinner, 1957, p. 85)*

O pesquisador, quando coleta relatos verbais, encontra-se precisamente na situação descrita por Skinner. O falante, ou seja, o sujeito, está (ou esteve) em contato com um estado de coisas ao qual o ouvinte, ou seja, o pesquisador, não tem acesso. O relato verbal é um tato, sob controle dos aspectos relevantes deste estado de coisas, que permite ao pesquisador fazer inferências sobre este estado de coisas ao qual ele não tem acesso direto.

A validade destas inferências dependerá criticamente do grau de controle discriminativo exercido sobre o tato pelo estado de coisas em que o pesquisador está interessado, ou em outras palavras, da correspondência entre o relato e o estado de coisas a que supostamente se refere. Esta correspondência depende basicamente de duas categorias de variáveis, que podemos distinguir, um pouco artificialmente, como variáveis de controle de estímulo e variáveis de reforço.

## **2. Controle de estímulo sobre o relato verbal**

As variáveis de controle de estímulo afetam a precisão do controle exercido pelas propriedades dos estímulos, especialmente quando se trata de propriedades complexas ou sutis. A precisão do controle dependerá, neste caso, do grau de acesso do sujeito ao estímulo discriminativo, do grau de acesso da comunidade verbal aos estímulos quando o repertório está sendo estabelecido, e dos procedimentos utilizados pela comunidade para estabelecer e manter o repertório.

---

<sup>4</sup> "No tato ... nós enfraquecemos a relação com qualquer privação ou estimulação aversiva e estabelecemos uma relação singular com um estímulo discriminativo. Fazemos isto reforçando a resposta tão consistentemente quanto possível em presença de um estímulo com muitos reforçadores diferentes ou com um reforçador generalizado. O controle resultante é através do estímulo: uma dada resposta 'especifica' uma dada propriedade do estímulo. Isto é a 'referência' da teoria semântica."

<sup>5</sup> "... comportamento na forma de tato opera em benefício do ouvinte, estendendo seu contato com o ambiente, e tal comportamento é estabelecido pela comunidade verbal por esta razão."

Como exemplo, podemos comparar o grau de controle exercido por estímulos manifestos ou privados. No caso dos estímulos manifestos, tanto o sujeito quanto a comunidade têm acesso aos estímulos, e isto facilita a utilização de procedimentos que aperfeiçoam o controle discriminativo. Como resultado, a maioria das pessoas (pelo menos em nossa cultura) adquire tatos sob controle razoavelmente preciso de eventos e propriedades corriqueiras do ambiente, tais como objetos, cores, formas, etc. O mesmo não ocorre no caso de propriedades mais sutis: um número relativamente pequeno de indivíduos é capaz de emitir com precisão tatos identificando, por exemplo, uma nota musical ou a safra de um vinho. Neste caso, a precisão no controle de estímulo pode depender em parte de diferenças individuais no próprio aparelho sensorial, e em parte do tipo de procedimento de treino utilizado para estabelecer estes tatos.

No caso de estímulos privados, no entanto, há tipicamente uma limitação no grau de controle que pode ser exercido, uma vez que a comunidade verbal não tem acesso ao estímulo (por definição, já que o estímulo é privado). Assim, como observa Skinner (1953), a comunidade verbal só pode estabelecer um repertório de tatos sobre eventos privados com base em eventos públicos correlacionados com eventos privados, ou em propriedades que os eventos privados têm em comum com eventos públicos. Uma dificuldade adicional apontada por Skinner é a própria imprecisão dos receptores sensoriais que respondem aos estímulos internos (proprioceptivos e interoceptivos). Diante destas duas limitações, as discriminações que o indivíduo pode desenvolver a respeito de seu mundo privado são tipicamente menos precisas do que as que ele pode desenvolver a respeito do mundo externo. Em outras palavras, o conhecimento que a pessoa tem de si mesma tende a ser menos preciso do que o conhecimento do mundo externo.

*"... Strangely enough, it is the community which teaches the individual to 'know himself'... 'knowledge' ... is particularly identified with the verbal behavior which arises from social reinforcement. Apparently, conceptual and abstract behavior are impossible without such reinforcement. The kind of self-knowledge represented by discriminative verbal behavior – the knowledge which is 'expressed' when we talk about our own behavior – is strictly limited by the contingencies which the verbal community can arrange."* (Skinner, 1953, p. 261)

Estas contingências são deficientes, justamente porque a comunidade verbal não tem acesso ao estado de coisas privado que deveria exercer controle sobre este tipo de tato. Não tendo acesso, a comunidade verbal fica limitada nas possibilidades de utilizar reforçamento diferencial para estabelecer a correspondência entre o tato e a situação estimuladora. A comunidade verbal depende de correlatos do estímulo privado que são relativamente pouco fidedignos.

Exatamente por este motivo, o tato a respeito de eventos privados é muitas vezes recebido com desconfiança. Skinner observa, por exemplo, que todo mundo desconfia do

---

<sup>4</sup> "Por estranho que pareça, é a comunidade que ensina o indivíduo a conhecer a si mesmo. ... Conhecimento é particularmente identificado com o comportamento verbal que surge a partir do reforçamento social. Aparentemente, o comportamento conceitual e abstrato é impossível na ausência deste reforçamento. ... O tipo de autoconhecimento representado pelo comportamento verbal discriminativo – o conhecimento que é 'expresso' quando falamos acerca de nosso próprio comportamento – é estritamente limitado pelas contingências que a comunidade verbal pode arranjar."

indivíduo que se esquia de uma tarefa desagradável alegando uma dor de cabeça. Esta deficiência nas contingências, além de levar os ouvintes à desconfiança, tem uma consequência mais séria para o próprio indivíduo:

*"...The deficiencies which generate public mistrust lead, in the case of the individual himself, to simple ignorance. There appears to be no way in which the individual may sharpen the reference of his own verbal repertoire in this respect. This is particularly unfortunate because he probably has many reasons for distorting his own report to himself."* (Skinner, 1953, p. 261, grifos no original)

Por este motivo, segundo Skinner (1953), "um dos fatos mais importantes a respeito do autoconhecimento é que ele pode não existir". O autoconhecimento requer, na verdade, dois tipos de repertório, que precisam ser estabelecidos socialmente. Um é o repertório de auto-observação, ou seja, a observação do próprio comportamento, bem como das condições em que o comportamento ocorre e das consequências que produz. A auto-observação pode ser concebida como uma resposta encoberta que ocorre paralelamente ao comportamento que é observado (que pode ser manifesto ou encoberto). A consequência da auto-observação é a exposição do indivíduo aos estímulos produzidos por seu próprio comportamento. A exposição a estes estímulos é indispensável para um repertório de fatos a respeito do próprio comportamento. A auto-observação pode ser considerada, ao menos em parte, como um comportamento precorrente ao relato verbal a respeito do próprio comportamento. Neste caso, ela só poderá ser mantida e reforçada se a comunidade estabelecer contingências reforçadoras para o relato verbal sobre o próprio comportamento. Como já vimos, estas contingências, mesmo quando estabelecidas pela comunidade verbal, podem ser prejudicadas pela dificuldade de acesso da comunidade aos estímulos privados. O autoconhecimento é, portanto, problemático, e uma pessoa pode ignorar muitas coisas a respeito de si própria. Isto evidentemente comprometerá a precisão de seus relatos verbais e, quando os relatos são tomados como dados de pesquisa, as inferências que o pesquisador fizer a partir deles precisarão levar em conta estas limitações.

Entre os aspectos que uma pessoa pode ignorar a respeito de si própria, Skinner cita os seguintes:

a) *Uma pessoa pode não saber que fez alguma coisa. Como observamos acima, para ter consciência de que fez alguma coisa, a pessoa precisa ter apresentado respostas de auto-observação concomitantes. Se um dado comportamento ocorreu sem ter sido acompanhado de respostas de auto-observação, o indivíduo não terá depois conhecimento do que fez. Os exemplos disto, segundo Skinner, vão desde o lapso verbal despercebido até extensas amnésias, em que o indivíduo é incapaz de descrever parte significativa de seu comportamento passado.*

---

<sup>1</sup> "As deficiências que geram a desconfiança pública levam, no caso do próprio indivíduo, à simples ignorância. Parece não haver maneira pela qual o indivíduo possa tornar mais precisa a referência de seu próprio comportamento verbal a este respeito. Isto é particularmente infeliz, porque o indivíduo tem provavelmente muitas razões para distorcer seu próprio relato para si mesmo."

Às vezes, o comportamento de auto-observação pode ter ocorrido, mas os estímulos resultantes exercem controle impreciso sobre o comportamento de relatar. A situação de questionário ou entrevista pode, eventualmente, fornecer pistas ou sondas, que podem complementar o controle impreciso exercido pelo comportamento passado, vindo a produzir um relato mais acurado. Nesse caso, podemos dizer que a situação de entrevista ou questionário ajuda o indivíduo a se lembrar de seu comportamento passado. No entanto, é possível também que a situação de questionário ou entrevista forneça sondas ou pistas que suplantem os estímulos produzidos pelo comportamento no controle sobre o relato verbal. Estas pistas podem atuar em conjunto com a história de reforço do indivíduo, de tal modo que ele pode vir a dizer "o que o pesquisador quer ouvir".

Skinner menciona um ponto bastante interessante a respeito desta possibilidade de que o indivíduo não tenha conhecimento de seu próprio comportamento passado. Se o indivíduo pode (às vezes) desconhecer seu comportamento manifesto, é possível que ele também desconheça, às vezes, seu comportamento encoberto. Neste caso, como observa Skinner, o comportamento encoberto deve ser inferido não apenas pelo próprio pesquisador, como pelo próprio indivíduo. Um exemplo dado por Skinner é o de matemáticos que freqüentemente não são capazes de descrever o processo de pensamento que levou à solução de um problema. Podemos supor que, pelo menos em alguns destes casos, alguns comportamentos encobertos mediaram a solução do problema, mas não foram acompanhados de respostas de auto-observação. Esta possibilidade tem implicações para os métodos de estudo do pensamento e solução de problemas baseados na verbalização manifesta do pensamento, como por exemplo o método de análise de protocolo proposto por Erikson e Simon (1984).

b) Uma pessoa pode não saber que está fazendo alguma coisa. Como já vimos, o comportamento que ocorre desacompanhado das respostas de auto-observação pode permanecer totalmente inconsciente. Exemplos são o comportamento desatento, maneirismos inconscientes, e comportamento habitual "automático". Estes comportamentos provavelmente também não serão relatados com precisão *a posteriori*.

c) Uma pessoa pode não saber que tende a, ou vai fazer algo. Como exemplifica Skinner (1953), uma pessoa pode não ter consciência de tendências agressivas, predileções incomuns, ou da alta probabilidade de seguir um dado curso de ação. Muitos questionários e inventários padronizados baseiam-se no relato, por parte do indivíduo, do que ele faria em determinadas circunstâncias. Como a pessoa nem sempre tem consciência de suas tendências para agir, as respostas verbais podem não corresponder ao comportamento que o indivíduo de fato viria a emitir caso ocorressem as circunstâncias de interesse. Como veremos adiante, nesse caso, as contingências de reforço para o comportamento verbal podem produzir um viés na direção do relato de ações socialmente valorizadas. Isto é especialmente verdadeiro quando a pessoa é solicitada a relatar o que faria numa condição à qual nunca foi exposta. No entanto, mesmo quando a pessoa relata o que faria numa situação à qual já foi exposta no passado, seu relato é problemático, porque ela pode não ter consciência do que fez nesta situação (cf. item *a*, anterior), ou mesmo que tenha consciência do que fez nas ocorrências anteriores desta situação, ela pode não ter consciência de variáveis subseqüentes que podem ter modificado a probabilidade de suas respostas em novas ocorrências desta situação (cf. item *d*, a seguir).



d) Uma pessoa pode não reconhecer as variáveis que controlam seu comportamento. Skinner (1953; 1957) observa que os testes projetivos são úteis como instrumento de diagnóstico justamente porque revelam variáveis que o próprio indivíduo não consegue identificar. Como nestes testes o estímulo apresentado ao sujeito é indistinto e não exerce controle específico sobre qualquer resposta, o comportamento verbal que o sujeito apresenta pode revelar o controle exercido por múltiplas variáveis de sua história passada. É importante citar, como um parêntese, que o próprio Skinner inventou uma espécie de teste projetivo, o "somador verbal", baseado na apresentação para o sujeito de um padrão auditivo indistinto.

Skinner observa que o surpreendente não é que estes eventos, tão importantes e conspícuos, sejam freqüentemente ignorados. O surpreendente é que eles sejam freqüentemente observados. A sociedade e suas práticas culturais é que estabelecem as contingências que levam o indivíduo a se auto-observar e a relatar seu próprio comportamento.

*"The behavior we call knowing is due to a particular kind of differential reinforcement. In even the most rudimentary community such questions as 'What did you do?' or 'What are you doing?' compel the individual to respond to his own overt behavior. Probably no one is completely unselfconscious in this sense. At the other extreme an advanced and relatively nonpractical society produces the highly introspective or introverted individual, whose repertoire of self-knowledge extends to his covert behavior – a repertoire which in some cultures may be almost nonexistent. An extensive development of self-knowledge is common in certain Eastern cultures and is emphasized from time to time in those of the West...<sup>8</sup>" (Skinner, 1953, p. 287)*

A psicoterapia pode ser entendida, ao menos em parte, como uma metodologia para refinar o autoconhecimento, especialmente no que diz respeito ao controle discriminativo exercido pelo mundo privado do indivíduo. Um dos requisitos para isto provavelmente é que o terapeuta desenvolva uma sensibilidade para as correlações entre eventos privados e comportamentos manifestos. Isso permite ao terapeuta inferir aspectos do mundo privado do cliente a partir de manifestações sutis; com base nestas inferências, ele pode auxiliar o cliente no treino das discriminações que ajudam a desenvolver o autoconhecimento (isto é, evidentemente, complementado por métodos padronizados de avaliação e diagnóstico, que o terapeuta também aprende a usar e interpretar). Skinner (1953, p. 287) observa que "o paciente sob psicanálise pode tornar-se altamente habilidoso na observação de seu próprio comportamento encoberto".

---

<sup>8</sup> "O comportamento que denominamos conhecimento é devido a um tipo particular de reforçamento diferencial. Mesmo nas comunidades mais rudimentares questões tais como 'O que você fez?' ou 'O que você está fazendo?' compelem o indivíduo a responder a seu próprio comportamento manifesto. Neste sentido provavelmente ninguém é completamente inconsciente. No outro extremo, uma sociedade avançada e relativamente não-prática produz o indivíduo altamente introspectivo ou introvertido, cujo repertório de autoconhecimento se estende ao seu comportamento encoberto – um repertório que em algumas culturas pode ser quase inexistente. Um desenvolvimento extensivo do autoconhecimento é comum em certas culturas orientais e é enfatizado, de tempos em tempos, nas ocidentais..."

### 3. Importância do reforço generalizado

O controle de estímulo só é estabelecido, no entanto, através de reforço. No caso do tato, a precisão do controle pelo estímulo discriminativo depende criticamente da presença de reforço generalizado no estabelecimento e manutenção deste operante. Como foi observado anteriormente, é o reforço generalizado que evita a influência dos estados momentâneos de privação do indivíduo, maximizando o controle pelo estímulo discriminativo.

Skinner observa que um tato estabelecido através de reforço completamente generalizado pode ser chamado "puro" ou "objetivo". No entanto, ainda de acordo com Skinner, "um reforço verdadeiramente generalizado é, contudo, raro, e pura objetividade neste sentido provavelmente nunca é alcançada":

*"... the stimulus control may be distorted by certain special consequences which are supplied by a particular listener or by listeners in general under particular circumstances. When the controlling relation is thus warped or distorted, we call the response 'subjective,' 'prejudiced,' 'biased,' or 'wishful.'"* (Skinner, 1957, p. 147)

Dentre as fontes de distorção no controle de estímulo exercido sobre o tato, apontadas por Skinner (1957), podemos distinguir duas mais importantes, relacionadas a dois tipos de reforço para o comportamento de relatar.

A primeira fonte de distorção ocorre quando o tato é mantido por reforço generalizado, mas este é contingente a propriedades formais da resposta, e não à correspondência desta com o estímulo discriminativo. As distorções mais significativas podem ocorrer quando o reforço é contingente ao conteúdo da resposta verbal, independentemente da correspondência. Respostas verbais com determinados conteúdos tendem a receber maior quantidade de reforço generalizado, produzindo distorções que variam desde o exagero até a invenção ou mentira. Por exemplo, o falante exagera o tamanho do peixe que pescou, ou a força do inimigo que enfrentou. Tipicamente, os ouvintes não viram o peixe ou o inimigo, de modo que não têm como aferir a correspondência entre a resposta e "os fatos". Neste caso, a quantidade de reforço dependerá em parte do conteúdo da resposta, porque o relato da pesca de um peixe maior, ou da luta com um inimigo mais poderoso, tenderão a atrair maior atenção ou admiração (reforços generalizados). A distorção sistemática ou demasiada pode, no entanto, levar à deterioração do sistema social composto por falante e ouvinte. O ouvinte pode suspender o reforço ou até mesmo punir o falante. Exageros ou mentiras podem muitas vezes suscitar a desconfiança do ouvinte, o que ocorre frequentemente com histórias de pescadores ou relatos de façanhas. O reforço contingente ao conteúdo das respostas verbais pode ser uma das razões pelas quais os sujeitos de pesquisas que utilizam relatos verbais tendem a mostrar um viés no sentido de relatar características socialmente desejáveis, como veremos adiante.

---

<sup>9</sup> "... o controle de estímulo pode ser distorcido por certas conseqüências especiais, supridas por um ouvinte particular ou por ouvintes em geral em circunstâncias particulares. Quando a relação de controle é assim distorcida, nós chamamos a resposta de 'subjéitiva', 'preconceituosa', 'viesada' ou 'fantasiosa'."

Skinner observa que o reforço generalizado pode ser mais importante durante a aquisição do tato. Posteriormente, a resposta pode ser reforçada pelos efeitos que produz no ouvinte. Estes efeitos podem ser comportamentos operantes por parte do ouvinte, ou comportamentos emocionais manifestados por ele. Uma segunda fonte de distorção pode ocorrer, portanto, quando a ação a ser tomada pelo ouvinte diante de determinado estado de coisas tem importância especial para o falante. Determinadas ações do ouvinte podem constituir um reforço não generalizado, contingente a respostas com um determinado conteúdo. Um exemplo literário citado por Skinner é o relato distorcido de Julieta ao dizer a Romeu: *'It is the nightingale and not the lark.'* Neste caso, a relação de controle de estímulo é distorcida porque uma resposta com esta forma pode aumentar a probabilidade de um comportamento específico de Romeu – permanecer por mais tempo junto a Julieta – *comportamento este que é particularmente reforçador para ela.*

#### **4. Pesquisa experimental sobre relatos verbais**

O relato verbal foi descrito como um operante verbal com propriedades de tato. Isto permite caracterizar o tipo de contingência envolvida no estabelecimento e manutenção deste operante: o estímulo discriminativo é não-verbal (podendo ser externo ou interno), a resposta verbal guarda uma correspondência com o estímulo discriminativo e esta correspondência é assegurada pela utilização de reforçadores generalizados. Vimos, no entanto, que muitos fatores tendem a produzir distorções nesta correspondência ou mesmo eliminá-la completamente. Quando os estímulos discriminativos para o relato são comportamentos do próprio indivíduo, ou variáveis de que o comportamento é função, o relato acurado requer também um comportamento de auto-observação, que nem sempre acompanha a ocorrência do comportamento de interesse.

Considerando todos estes aspectos, o pesquisador não sabe, a rigor, quando e quanto pode confiar em um relato verbal. Uma forma de contribuir para a solução desta questão é pesquisar o próprio relato enquanto um comportamento, investigando as variáveis que podem afetar sua correspondência com os estímulos discriminativos. A análise anterior sugere algumas linhas de pesquisa potencialmente frutíferas:

- a) Investigação das variáveis que afetam o controle exercido pelo estímulo discriminativo sobre o relato verbal, ou, em outras palavras, a *correspondência* entre o relato e o estímulo discriminativo.
- b) Nos casos em que o estímulo discriminativo para o relato é um comportamento da pessoa que relata, pode-se investigar efeitos do relato sobre o comportamento-alvo, ou seja, o comportamento que é relatado.
- c) O comportamento de relatar pode ser reforçado ou modelado pelo pesquisador. Nestes casos, pode-se investigar os efeitos dos procedimentos de reforço ou modelagem sobre o relato e sobre os comportamentos aos quais o relato se refere.

## 4.1. Estudos sobre correspondência

As estratégias de pesquisa utilizadas pelos analistas do comportamento envolvem, tipicamente, uma observação precisa do estímulo discriminativo, de tal modo que a correspondência entre este estímulo e o relato possa ser medida. O relato é freqüentemente simplificado ao máximo, para evitar ambigüidade e necessidade de interpretação do seu conteúdo.

Um dos mais importantes estudos sobre esta questão é o de Ribeiro (1989). Os sujeitos foram crianças pré-escolares. As sessões experimentais começavam com um período de brinquedo, em que o sujeito podia se dirigir a um armário contendo seis brinquedos, e retirar um deles para brincar. O sujeito podia devolver o brinquedo escolhido ao armário e retirar um outro. Esta situação permitia, portanto, que a criança brincasse com uma quantidade variável dos brinquedos disponíveis. O período de brinquedo era seguido por um período de relato, em que o experimentador exibia, uma de cada vez, a fotografia dos seis brinquedos, perguntando, diante de cada fotografia, se a criança havia brincado com aquele brinquedo. Após uma condição de linha de base, na qual se comprovou que as crianças faziam este relato com precisão, o experimentador passou a reforçar todos os relatos afirmativos, independentemente de correspondência. Nesta condição, portanto, quando o experimentador exibia a fotografia de um brinquedo, era reforçada a resposta de dizer que havia brincado, quer o sujeito tivesse ou não brincado com aquele brinquedo. Esta contingência produziu um aumento no número de relatos afirmativos. Os sujeitos passaram a relatar que haviam brincado com determinados brinquedos, mesmo quando não haviam de fato brincado. Este aumento foi mais pronunciado quando os relatos eram feitos em grupo, ou seja, quando cada sujeito fazia seus relatos em presença dos demais. Os dados mostram, portanto, que nas condições deste experimento, o reforço contingente a relatos com um determinado conteúdo (relatos afirmativos) produziu um aumento na freqüência de relatos com este conteúdo e uma diminuição na correspondência.

Critchfield & Perone (1990) mantiveram as condições de reforço constantes, mas manipularam o comportamento a ser relatado. Sujeitos adultos desempenhavam uma tarefa de escolha atrasada segundo modelo, com limite de tempo para a resposta de escolha. Eles recebiam pontos quando a escolha era correta e feita dentro do tempo estipulado. Em seguida, eles deviam relatar se haviam recebido ponto na escolha, apertando um dentre dois botões. Uma diminuição no limite de tempo para completar a resposta produzia um aumento no número de insucessos, ou seja, respostas que não recebiam pontos, seja por estarem incorretas, seja por ultrapassarem o limite de tempo. Assim, ao alterar o limite de tempo, os pesquisadores manipulavam indiretamente o comportamento a ser relatado. O aumento na proporção de respostas sem sucesso produziu uma diminuição na precisão dos relatos. Os relatos não correspondentes eram, tipicamente, relatos de sucesso, ou seja, os sujeitos relatavam uma resposta bem-sucedida quando haviam falhado. Em um estudo subsequente, Critchfield & Perone (1993) obtiveram resultados semelhantes quando o limite de tempo para escolha era mantido constante, e o aumento no número de insucessos era produzido por um aumento na complexidade dos estímulos. Estes autores relacionam estes resultados com a tendência dos sujeitos de relatar características dese-

jáveis. É provável que esta tendência seja resultado de uma história de reforço baseada, em parte, no conteúdo dos relatos. Assim, relatos de características ou comportamentos desejáveis podem ser, com alguma frequência, reforçados, mesmo quando não são correspondentes. Por outro lado, relatos de comportamentos ou características indesejáveis podem ser, com alguma frequência, punidos, mesmo quando são correspondentes.

De modo geral, os estudos de Ribeiro (1989) e de Critchfield & Perone (1990; 1993) mostram que a correspondência dos relatos com o comportamento-alvo depende de contingências explícitas ou implícitas. Quando o reforço é contingente ao conteúdo dos relatos, a correspondência tende a diminuir.

## 4.2. Efeitos do relato sobre o comportamento-alvo

A questão da correspondência diz respeito ao controle exercido pelo estímulo discriminativo sobre a resposta de relatar. No entanto, quando os estímulos discriminativos são comportamentos<sup>10</sup> do próprio indivíduo que relata, o comportamento de relatar pode vir a ter efeitos sobre o comportamento-alvo, ou seja, o comportamento que é relatado. Estes efeitos devem ser levados em conta quando o interesse do pesquisador é no comportamento-alvo.

Evidentemente, as inferências sobre o comportamento-alvo poderão ser tanto mais precisas quanto menos *reativa* for a introdução do relato, ou seja, quanto menos interferência o relato produzir sobre o comportamento-alvo. Por este motivo, Erikson & Simon (1984) procuram desenvolver uma análise das condições em que o pesquisador pode assegurar que o relato é não-reativo.

A literatura tem documentado, no entanto, muitas circunstâncias de clara interferência do relato sobre o comportamento-alvo. Quando o comportamento-alvo é objeto de intervenção terapêutica ou educacional, uma condição em que o indivíduo é solicitado a relatar seu comportamento e manter registros escritos costuma produzir mudanças no comportamento-alvo em uma direção socialmente desejada (cf. Critchfield & Perone, 1990). Várias explicações têm sido oferecidas para este tipo de resultado: a) as solicitações para relato podem constituir uma instrução implícita que exerce controle sobre o comportamento-alvo; b) o relato pode ocasionar comportamentos de auto-observação, anteriormente ausentes; e, c) o relato pode ter propriedades de feedback, similares ao feedback externo, reforçando o comportamento-alvo.

Um resultado oposto foi encontrado por Critchfield & Perone (1990). Neste estudo, os sujeitos desempenhavam uma tarefa de pareamento-com-modelo atrasado. A tarefa era tornada difícil pela diminuição do limite de tempo que os sujeitos tinham para emitir a resposta de escolha. Condições em que os sujeitos eram solicitados a relatar se haviam acertado ou não foram comparadas com condições de linha de base em que o relato não era solicitado. De modo geral, a condição de relato produziu um decréscimo na acurácia do desempenho de escolha. Critchfield & Perone atribuem a discrepância com os resultados relatados anteriormente à natureza da tarefa: o limite de tempo para completar a tarefa

---

<sup>10</sup> Rigorosamente, estímulos produzidos pelos comportamentos.

introduzia uma condição em que o comportamento de auto-observação, necessário para o relato, competia com o comportamento de observação necessário para a escolha correta. Esta competição resultou em decréscimo na acurácia tanto do comportamento de escolha quanto do relato.

Esta interpretação de Critchfield & Perone (1990) implica que o comportamento de escolha ocorria, na condição de linha de base, sem o acompanhamento de comportamentos de auto-observação. A tarefa dos sujeitos mudou quando eles foram solicitados a relatar:

*"... it is clear that once prompted to self-report the men began doing something differently. This type of effect may have implications for concurrent verbalization ("think aloud") procedures, which require subjects to verbalize about private events (e.g., hypotheses, rules, or self-talk) while engaging in public responses ... The possibility that prompts for self-reports may induce rather than simply harness self-observation ... complicates the interpretation of reported information, unless the absence of reactive effects can be demonstrated explicitly."* (Critchfield & Perone, 1990, p. 341, grifos no original)"

### 4.3. Modelagem do conteúdo dos relatos

Catania, Matthews & Shimoff (1982) submeteram estudantes universitários a um esquema múltiplo de reforço para a resposta de pressionar um botão: um dos componentes era um esquema de intervalo randômico e o outro componente era um esquema de razão randômica, e os reforços eram pontos que eram convertidos em dinheiro ao final do experimento. Os sujeitos poderiam ganhar pontos de modo mais eficiente pressionando rapidamente o botão durante o componente de razão randômica, e pressionando com uma taxa moderada e estável durante o componente de intervalo randômico. O experimentador solicitava periodicamente aos sujeitos uma descrição por escrito sobre como eles deveriam fazer para ganhar pontos. Um grupo de sujeitos recebia instruções sobre o que deveriam escrever nestas ocasiões, e estas instruções podiam ser compatíveis ou incompatíveis com as contingências. Para um outro grupo, o experimentador modelava o conteúdo das descrições, de modo a, em alguns casos, corresponder às contingências em vigor, e em outros casos ser incompatível com elas. Os sujeitos que tiveram as descrições modeladas mostraram maior correspondência entre o comportamento verbal (descrever) e o comportamento não-verbal (pressionar o botão), mesmo quando as descrições se opunham às contingências em vigor.

Este estudo e suas replicações posteriores (Catania, Shimoff & Matthews, 1989; Matthews, Catania & Shimoff, 1985; Shimoff, Matthews & Catania, 1986) comprovam que

---

<sup>11</sup> "É claro que, uma vez solicitados a fazer auto-relato, os sujeitos começaram a fazer *alguma coisa* de modo diferente. Este tipo de efeito pode ter implicações para procedimentos de verbalização concorrente ("pensar alto"), que requerem que os sujeitos verbalizem a respeito de eventos privados (e.g., hipóteses, regras ou falar consigo mesmo) enquanto se engajam em respostas públicas... A possibilidade de que solicitações para auto-relatos possam induzir a auto-observação, e não apenas permitir o seu monitoramento, ... complica a interpretação da informação relatada, a não ser que a ausência de efeitos reativos possa ser demonstrada explicitamente."

o relato verbal pode ser modelado. Mais ainda, estes estudos sugerem que o tipo de história do comportamento verbal pode modular seus efeitos, de tal modo que o comportamento verbal modelado pode exercer maior controle sobre o comportamento não-verbal do que o comportamento verbal diretamente instruído. Note-se, no entanto, que esta última conclusão não pode ser generalizada a partir destes estudos, conduzidos em situações bastante simplificadas e artificiais, e nos quais o comportamento não-verbal de interesse era muito simples e restrito à situação experimental. Mais pesquisas são necessárias para verificar se esta correspondência entre comportamento verbal modelado e comportamento não-verbal ocorre também em situações mais naturais.

Nos estudos de Catania e colaboradores, o comportamento verbal foi explicitamente modelado pelo experimentador, que atribua pontos para descrições cujo conteúdo se aproximava do conteúdo desejado. Todavia, em qualquer interação social, os participantes podem fornecer, muitas vezes inadvertidamente, inúmeros reforçadores que podem afetar o comportamento verbal ou não-verbal dos participantes. Isto provavelmente ocorre nas situações de coleta de relatos verbais. O pesquisador pode inadvertidamente modelar o conteúdo dos relatos de tal modo que o sujeito venha a dizer *aquilo que o pesquisador quer ouvir*. Estes efeitos devem ser levados em conta quando, a partir de modificações em relatos verbais, são feitas inferências sobre modificações nos comportamentos-alvo.

## 5. Conclusão

A concepção comportamental considera tanto o comportamento verbal quanto o comportamento não-verbal como repertórios modelados pelas contingências. Estes repertórios interagem de maneira complexa, que também depende de contingências explicitamente manipuladas pela comunidade verbal e/ou de contingências implementadas inadvertidamente pelos participantes em interações sociais. A origem destes repertórios, verbal e não-verbal, e as contingências que determinam sua interação devem ser melhor conhecidas de modo a aumentar a validade de inferências feitas a partir de relatos verbais. O presente texto sumariza algumas contribuições empíricas da análise do comportamento para o estudo destas relações.

## Bibliografia

CATANIA, A. C., MATTHEWS, B. A., & SHIMOFF, E. (1982). Instructed versus shaped human verbal behavior: Interaction with nonverbal responding. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, **38**, 233-248.

\_\_\_\_\_ (1989). An experimental analysis of rule-governed behavior. Em S. C. Hayes (Org.), *Rule-Governed Behavior. Cognition, Contingencies, and Instructional Control*. New York: Plenum. (pp. 119-150).

- CRITCHFIELD, T. S., & PERONE, M. (1990). Verbal self-reports of delayed matching to sample by humans. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, **53**, 321-344.
- \_\_\_\_\_ (1993). Verbal self-reports about matching to sample: Effects of the number of elements in a compound sample stimulus. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, **59**, 193-214.
- ERIKSON, K. A. & SIMON, H. A. (1984). *Protocol Analysis: Verbal Reports as Data*. Cambridge, EUA: MIT Press.
- FARBER, I. E. (1963). The things people say to themselves. *American Psychologist*, **18**, 185-197.
- MATTHEWS, B. A., CATANIA, A. C., & SHIMOFF, E. (1985). Effects of uninstructed verbal behavior on nonverbal responding: Contingency descriptions. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, **43**, 155-164.
- PERONE, M. (1988). Laboratory lore and research practices in the experimental analysis of human behavior: Use and abuse of subjects' verbal reports. *The Behavior Analyst*, **11**, 71-75.
- PERONE, M., & BARON, A. (1980). Reinforcement of human observing behavior by a stimulus correlated with extinction or increased effort. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, **34**, 239-261.
- RIBEIRO, A. F. (1989). Correspondence in children's self-report: Tacting and manding aspects. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, **51**, 361-367.
- SHIMOFF, E., Matthews, B. A., & Catania, A. C. (1986). Human operant performance: Sensitivity and pseudosensitivity to contingencies. *Journal of the Experimental Analysis of Behavior*, **46**, 149-157.
- SKINNER, B. F. (1953). *Science and Human Behavior*. New York: Macmillan.
- \_\_\_\_\_ (1957). *Verbal Behavior*. New York: Appleton-Century-Crofts. .